



**“SE O QUE NOS CONSUME FOSSE APENAS FOME”:
O PLANTÃO PSICOLÓGICO NA ESCOLA COMO UMA VIA
POSSÍVEL PARA JOVENS E TRABALHADORES DA EDUCAÇÃO
COM OU SEM EXPERIÊNCIA DE AUTOLESÃO**

**“IF WHAT CONSUMES US WERE ONLY HUNGER”:
THE PSYCHOLOGICAL DUTY ON SCHOOL AS A POSSIBLE WAY
FORWARD FOR YOUNG PEOPLE AND EDUCATION WORKERS WITH OR
WITHOUT EXPERIENCE OF SELF-INJURY**

Wanessa Alessandra Braga Chagas 1

Débora Luiza Bezerra Marques 2

Resumo: O Plantão Psicológico na escola foi realizado no mês de setembro de 2018 com o objetivo de acolher a demanda espontânea de jovens com experiência de autolesão em um colégio público, porém, durante a ação, ampliou-se para a comunidade escolar. Realizado por um serviço CAPS e graduandos voluntários de Psicologia, o Plantão foi desenvolvido em algumas etapas: divulgação da ação na escola, inscrição durante o plantão, atendimento, avaliação da ação, devolutiva a gestão escolar e desdobramentos. Foi observado que as vulnerabilidades sociais, econômicas, trabalhistas e afetivas influenciam nas vivências escolares e a autolesão manifesta-se como “alívio” no corpo. Concluímos que a via da linguagem pela associação livre, atenção flutuante e retificação subjetiva solicita àquele que sofre uma outra saída ao mal-estar, além de colocar o plantonista em posição de disponibilidade, contribuindo para que a escola seja espaço potente. Equipes multiprofissionais da Educação poderiam fazer diferença como suporte à comunidade escolar.

Palavras-chave: Colaboração Intersetorial. Serviço de Saúde Mental Escolar. Tentativa de Suicídio.

Abstract: The Psychological Duty at School was held in the month of September 2018 with the objective of receiving the spontaneous demand of young people with experience of self-injury at a public high school, but, during the action, was extended to the school community. Performed by a service CAPS and volunteer Psychology graduating students, the On Duty was developed in a few steps: publicizing the action at school, enrollment during the on duty, attendance, evaluation of the action, feedback to school management, and developments. It was observed that social, economic, labor, and affective vulnerabilities influence school life and the self-injury manifests as “relief” in the body. We conclude that the language path through free association, floating attentions and subjective rectification asks the sufferer another way out of his or her discomfort, besides placing the on duty worker in a position of availability, contributing for the school to be potente space. Multi-professional education teams could make a difference in supporting the school community.

Keywords: Intersectorial Collaboration. School Mental Health Service. Suicide Attempted.

-
- 1** Mestra em Psicologia com ênfase em Saúde Mental (pela PRISMAL - UPE), Especialista em Abordagem Psicanalítica (pela FAFIRE), Graduada em Psicologia (pela UFPE). Atualmente, psicóloga efetiva/trabalhadora SUS nas Secretarias Municipais de Saúde em Paratama (PE) e São João (PE), Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0237886746698143>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6672-8243>. E-mail: wanessa.alessandra@yahoo.com.br
 - 2** Pós-graduanda em Saúde Mental (pela Instituição Facuminas de Montes Claros). Graduada em Psicologia (pela CESMAC). Trabalhadora SUAS no município de Paratama, Pernambuco, Brasil. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4953308309519584>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-1129-6183>. E-mail: debora.marques7@hotmail.com
- 

Introdução

Desde 2016, o Ministério da Saúde (MS) solicita aos serviços estratégicos em Saúde Mental – os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) – atuação em formato de campanha referente a temática do suicídio. Conforme dados epidemiológicos dos últimos 10 anos, os números nesta temática tornaram-se expressivos nos serviços de emergência, justificando a mobilização da rede de saúde no Brasil. Entre 2010 e 2016, mensurou-se pelas notificações de violência interpessoal e autoprovocada um aumento de 9,36% de casos (OMS, 2022). Estima-se que no mundo 800 mil pessoas tentam se matar diariamente (OPAS, 2021). Frente a esta realidade (BRASIL, 2016; OMS, 2022), o Setembro Amarelo – Campanha de Prevenção ao Suicídio tem como objetivo esclarecer à sociedade sobre o assunto, qualificar os trabalhadores de saúde a identificar e acolher estes sofrimentos e ofertar atendimento àqueles que pensam na morte como alternativa. Nas qualificações ofertadas fica claro que, quando a pessoa em sofrimento manifesta comportamentos de autolesão e permanece sem assistência, aumenta em 50% as chances dessa pessoa tentar suicídio (BRASIL, 2016; OPAS, 2021).

Em um contexto micropolítico – um município do interior pernambucano – o serviço CAPS Entre Rios foi acionado pela gestão de uma escola no ano de 2018: de forma expressiva, crescia a demanda de adolescentes que recorriam a práticas de autolesão (“se cortavam”). Frente a angústia dos professores em acolher e compreender essa circunstância, como poderíamos nos aproximar dessa realidade? Dessa forma, com a chegada do mês de setembro, foi proposto o Plantão Psicológico na Escola como intervenção territorial organizado pelo serviço CAPS e parceiros.

Metodologia

O território de trabalho foi uma escola estadual em um município do interior de Pernambuco, situada a mais de 300km da capital. Uma cidade com baixo IDH, cerca de 80% da população em zona rural e convivendo com impactos socioeconômicos dos parques eólicos. A escola é turno integral (estudantes o dia todo, todos os dias).

O Plantão Psicológico pela abordagem da Psicanálise é a escuta no tempo ético do sujeito em enunciar seu sofrimento; é a disponibilidade daquele que escuta, trabalhando com a demanda espontânea e a queixa inicial (QUINET, 2005). A escuta analítica, desde Freud (1969), tem possibilitado àquele que sofre “encontrar-se naquilo que diz” (DOLTO, 2010, p.31). Através do que é dito, inicialmente pelas queixas, outra posição subjetiva pode ascender enquanto sujeito responsável pelo seu destino (MILLER, 1999), fazendo “o próprio sujeito que fala se ouça” (DAHER *et al*, 2017, p.147).

Nessa disponibilidade, o plantão para adolescentes é na contramão da atuação do sintoma e da “queixa circular” para encontrar a enunciação do sofrimento, produzindo uma torção do desejo pela via da linguagem e (por que não?) outros caminhos (PACHECO, 1999). Importante destacar a técnica da associação livre (é solicitado ao paciente que fale tudo o que lhe vier à mente), escuta pela atenção flutuante (escutar o paciente sem influências conscientes), retificação subjetiva (implicação do sujeito que sofre em seu próprio sofrimento) no plantão (FREUD, 1969; QUINET, 2005).

Pensando em ampliar a intervenção com parcerias, convidamos graduandos de Psicologia-UPE do décimo período para atuação voluntária e supervisionada durante o plantão. Pela metodologia do Plantão Psicológico, além de tornar acessível a acolhida do sofrimento em tempo real, possibilitava aos graduandos-voluntários a oportunidade de conhecer o território vivo (MERHY, 1997), atuando também em práticas pela tríade serviço-comunidade-ensino (objetivo secundário do projeto). Participaram seis estudantes que responderam a três perguntas para alinhamento com a ação de saúde: o porquê de participar, a visão de sofrimento e expectativas sobre o plantão na escola.

O público alvo eram os adolescentes do turno integral da escola com experiência de autolesão. A ação em saúde no formato de Plantão Psicológico envolveu algumas etapas: em um primeiro momento, houve a divulgação (com antecedência) do projeto no formato de cartazes

estampados na escola. Segundo, durante o plantão, as pessoas que manifestavam o desejo de serem acolhidas realizavam uma inscrição breve (nome e idade) com plantonistas circulando nas áreas comuns da escola e, posteriormente, eram atendidas pelo plantonista (trabalhador do CAPS ou graduando-voluntário) em sala reservada; a escuta acontecia de acordo com o que era dito, sem cronômetro.

O terceiro momento aconteceu após o encerramento dos atendimentos, onde os trabalhadores do CAPS e os graduandos-voluntários se reuniram para discussão da experiência. Em um quarto momento, houve uma devolutiva à gestão escolar com propostas de encaminhamentos. Por último, foi realizada, a partir dessas escutas, a Oficina de Corpos e a Assembleia dos Estudantes (desdobramentos).

Em uma breve revisão de artigos sobre outros trabalhos anteriores e semelhantes a este, foi encontrado uma variedade metodológica onde o Plantão Psicológico na Escola é realizado, por exemplo, com outras abordagens psicológicas, ou acontecem em outros formatos como na hora do recreio ou universidades, ou não apenas com profissionais psicólogos e, ainda, com regularidade variável do plantão. A riqueza dessa metodologia está na possibilidade de diversificar o acolhimento e oportunizar o endereçamento dos processos a uma outra via para além do sofrimento.

Discussão

A importância de uma intervenção com as características que o Plantão Psicológico possui tornou possível flexibilizar objetivos ideais e reais (FREUD, 1969), como aconteceu com o público alvo que foi ampliado durante a ação: de jovens com experiência de autolesão, chegaram os jovens que não tinham esta experiência e com relatos para esse fim e, mais ainda, nos trabalhadores. Assim, foi proporcionado escuta dos diversos sofrimentos do outro, onde esse outro diverso é recepcionado.

O Plantão Psicológico também possibilita essa escuta do sofrimento para escuta do sujeito, a qual durante a associação livre é possível observar que a autolesão é um reflexo de algo com maior dimensão; em outras palavras, a autolesão como sintoma. E um sintoma sempre diz algo (FREUD, 1969; QUINET, 2005). Com a possibilidade de fala ao sujeito, este é colocado em destaque para responder sobre seu sofrimento e não o contrário (MILLER, 1999).

Além desse trabalho individual, o Plantão Psicológico redimensionou o espaço da educação como potencial para uma saúde possível, ao mesmo tempo que evidenciou suas contradições na relação com os jovens e trabalhadores.

Um dos objetivos do Plantão Psicológico era ofertar um espaço de fala livre dentro da escola como um ponto fundamental de possibilidade a uma nova via (diferente do sofrer): o sofrimento que emerge é também onde ele pode ser transformado (FREUD, 1969; DOLTO, 2010). Como também existiam histórias de jovens que manifestavam esse sofrimento pela autolesão fora da escola, esse espaço educacional pôde ser utilizado como ponto de apoio à ascensão de novos processos. Em outras palavras: a escola como escolha a esses jovens para espaço de existência.

De uma forma geral, a equipe multidisciplinar do CAPS e os graduandos-voluntários observaram que os jovens eram muito participativos, pensamento reflexivo acurado, com queixas de ansiedade aguda e críticos em relação ao sistema integral de ensino. Pela proposta de fala livre e atenção flutuante, outros temas surgiram: família, violências, amizades, músicas e futuro.

Sobre os adolescentes que relatavam as práticas de autolesão o significante “alívio” foi predominante nos discursos. A palavra “alívio” tornou-se estratégica aos plantonistas para um outro caminho. Segundo Pacheco (1999), a Psicanálise quando “leva em conta o sujeito, nomeia a adolescência como um tempo de despertar” (p.26). Um despertar que não se constitui “em uma fase”, mas sim “em uma passagem do pensamento ao ato, havendo, dessa forma, a exigência de uma atividade do encontro com o objeto sexual” (Freud, 1969, p.33). Freud continua: para esse encontro dinâmico o adolescente primeiro se lança na tentativa de separação do Outro, fonte de angústias pelas “quedas dos semblantes” (PACHECO, 1999, p.27). O corte no corpo seria essa tentativa falha de separação? Algo que não se sustenta nas relações subjetivas, uma falha no simbólico, que emerge no corpo e gera “alívio”?

A ideia do plantão, ou seja, a via da linguagem, traz uma outra forma de “alívio” sem riscos, ao contrário dos cortes - riscos no corpo que traziam riscos físicos.

Alguns adolescentes compareceram por vontade própria, outros foram levados por amigos ou por solicitação dos professores. Não foi observado adolescentes com transtorno mental severo ou persistente, mas sim crises de ansiedade com sintomatologia depressiva. Durante os atendimentos, alguns jovens mostraram pequenos objetos cortantes dentro das capas dos celulares, o que estimulou a gestão escolar a proibir este equipamento na circulação do colégio - não impediu que os adolescentes carregassem essas peças cortantes de outras formas, evidenciando a insistência em se “aliviar”, avessa à proibição. Freud (1969) ressalta sobre o inconsciente, esse algo que insiste em se manifestar, seja de forma pulsional ou sublimada, com configurações imediatas impulsivas ou pela criatividade, destacando Winnicott (1975), independente dos embargos. Dolto (2010) também destaca as relações entre o corpo, as interdições e seus fracassos: “a visão do mundo é conforme a imagem do corpo” (p.26), onde se inscrevem as primeiras experiências relacionais “narcisantes e/ou desnarcisantes” (p.27), de valorização ou não do sujeito pela via da linguagem. A partir disso, o sujeito se posiciona no mundo: pelas suas inscrições inconscientes e não apenas pelas regras externas, onde a imagem do corpo foi receptáculo dessas relações e suas marcas.

Um ponto em destaque: os jovens com ou sem relatos de autolesão conseguiam observar experiências de aprisionamento na família e que se repetiam na escola. Muitas críticas sobre “o que é um colégio integral” surgiram, no sentido de questionar se o que definiam como “integral” dizia respeito somente ao horário e não a visão integral do sujeito (vê-los como um todo): como cantou Quinteto Violado, se o que nos consome fosse apenas fome, cantaria ao pão.

O sujeito humano em sua complexidade é multifacetado, inclusive como se deseja existir (WINNICOTT, 1975; DIAS, 2002). Como destacado por Winnicott (1975), a pulsão agressiva não são marcas da violência, mas do movimento de “lançar-se no mundo como ação espontânea” (p.76). No caso desta experiência, o lançar-se nesse mundo não vinha em forma criativa ou por outros substitutos, mas voltava para o próprio corpo (DOLTO, 2010). Colocar o desejo do sujeito em movimento é, portanto, colocá-lo vivo diante do seu em torno; ao contrário da experiência de cerceamento, que encerra o sujeito de forma limitante, principalmente para adolescentes como lembra Pacheco (1999). Essa via possível do “movimento” será melhor desenvolvida a seguir.

Os jovens participantes do Plantão tinham 14 a 20 anos de idade, provenientes de territórios com índices de vulnerabilidade socioeconômica elevados, cenários familiares fragilizados pelo uso excessivo de drogas lícitas (bebidas alcoólicas) e por relações familiares onde seus membros exercem suas funções de forma precária.

Nesse sentido, maximizamos o contexto do sofrimento desses adolescentes a partir das comunidades em que eles pertencem: moradores da zona rural, estão afastados da área urbana onde se concentra todas as atividades que poderiam ser aproveitadas por eles como os jogos poliesportivos, os grupos de dança, de teatro e música, artesanatos. São atividades disponibilizadas pela Casa da Cultura, mas que se aglutinam na área urbana, distantes dos adolescentes.

Privados do acesso àquilo que poderia pluralizar suas existências, ou como citado acima, colocar em movimento desejo e mal-estar (FREUD, 1969; WINNICOTT, 1975), os jovens se queixam sobre o sistema “integral” ofertado, queixa que se estende da escola a comunidade, ambas ofertando apenas restrições e privações do que poderiam ser caminhos possíveis. Como citado acima, a adolescência nesse sentido de separação do Outro, “localiza a adolescência como uma crise da confrontação com o Outro da lei” (PACHECO, 1999, p.27). Logo, os jovens acolhidos se posicionarem de forma crítica e reflexiva frente à escola, a comunidade e suas falhas, evidencia essa “crise” como uma separação para emergir o sujeito desejante contra o Outro social, e de todos os semblantes encarnados pelo Outro familiar (SOLANO, 1997). “É por isso que há encontro com o pior (...) que se espatifem as figuras do Outro e se soltem todos os tampões como insígnias do pai” (SOLANO, 1997, p. 14). Nessas rupturas que a via da linguagem proporciona, o adolescente emerge sujeito de desejo.

Resumidamente: as vulnerabilidades complexas enunciadas por esses jovens (renda familiar precária, moradia longe dos pontos de cultura, lazer e de esportes, vínculos fora e dentro da escola enfraquecidos) estratificam as possibilidades múltiplas dos fatores de proteção, mas faz surgir um sujeito que se posiciona frente esses desafios.

A parceria intersetorial entre escola-CAPS-universidade como outro objetivo do Plantão Psicológico na escola mostrou-se frutífera na aliança preconizada pela saúde pública denominada comunidade-ensino-serviço (BRASIL, 2016). Assim, o voluntariado dos graduandos proporcionou maior abrangência da ação para atender a comunidade escolar, trouxe oportunidade aos futuros psicólogos sobre a realidade da população e um olhar significativo sobre o acolhimento humanizado.

Na avaliação dos plantonistas (uma das últimas etapas do projeto), o Plantão Psicológico veio atender a um pedido de socorro dos professores que identificavam as demandas: o limite psicológico destes trabalhadores da educação em receber o sofrimento os faziam sofrer. Alguns deles tinham experiência de suicídio e, com isso, a dificuldade de acolher estudantes, como observado na escuta desses trabalhadores.

Também foi observado que os professores que mantinham um vínculo empregatício com muitas fragilidades (por exemplo, contrato com carga horária elevada de baixo rendimento ou vínculo com menos de um ano), manifestavam maiores sinais de ansiedade sobre a preocupação de manter sua fonte de renda. Os serviços gerais e merendeiras traziam narrativas de sofrimento socioeconômico e dificuldades em conciliar os cuidados à família e o trabalho. Szasz (1970) e Sonntang *et al* (1980) afirmam sobre os problemas decorrentes do sistema de produção predominante no trabalho que visa a materialidade e não o reconhecimento dos sujeitos em seu fazer. As consequências incidem diretamente nos trabalhadores: os direitos vistos como privilégios, metas e cargas horárias predominam, a objetificação dos funcionários. A Saúde Mental não está a serviço do mercado e a Psicanálise vem questionar esse circuito (LAURENT, 1999).

Foi possível observar que as práticas de autolesão nos jovens correspondiam ao que Dotlo (2010) chamou de processos “desnarcisantes”, porém com um prospecto a ser endereçado externamente ou para o social (WINNICOTT, 1975). Ou seja, os caminhos que poderiam ser percorridos levariam a uma direção diferente do sofrimento manifesto, desdobrando-o para uma produção cultural, artística, esportiva, ou seja, práticas de expressão corporal – espaços onde “o corpo pudesse falar de várias formas, sem perigos” (WINNICOTT, 1975). Dolto (2010) também coloca a importância da relação do corpo como forma de organização dos sujeitos: “o narcisismo é necessário para defender a coesão do sujeito em sua relação com seu ‘Eu’ (seu corpo)” (p.134). Porém, como explanado acima, estes pontos de cultura estão inacessíveis aos adolescentes pela barreira geográfica e, possivelmente, a barreira da gestão pública atenta ao território.

O corpo na Psicanálise é singularizado, diferente do corpo biológico da ciência; o que singulariza o corpo do ser falante são os acontecimentos/discursos que deixam rastros e se condensam nele, como ressaltou Freud (1969). “Pegadas que fazem sintoma” (MILLER, 1999, pg. 19). Se é nesse corpo que o sofrer se expressa, o corte representaria um corte no corpo ou no sintoma? Ou como explanado acima, um corte como separação do Outro? Mas, por estar condensado (sofrer e corpo) seria o corte uma forma de localizar isso que clama por “alívio”? Se matar seria morrer ou matar uma imagem de si? (FREUD, 1969; DOLTO, 2010). Winnicott (1975) lembra que a tentativa de suicídio perpassa um falso *self*, algo insustentável nas relações e no corpo, e é a ele que se deseja matar.

A partir dessa constatação – o corpo como palco – foi planejado a Oficina de Corpos (CAMPS, 2004) com três encontros, mas que aconteceu apenas um. Durante o grupo com quinze jovens (acolhidas no Plantão e com experiência de autolesão) foi realizada a leitura dramatizada de um conto de Lya Luft (uma mãe enlutada do suicídio do filho) bastante emocionante. A partir dessa dinâmica foi solicitado que as jovens expressassem o que estavam sentindo sem colocar em palavras: espontaneamente, as jovens falaram com o corpo. No momento final da oficina, as jovens compartilharam a experiência livremente.

As oficinas são encontros com uma problemática já definida, porém, “mesmo com foco no enfrentamento de problemas específicos, as oficinas devem primar o estímulo às pessoas para rememorar suas histórias de vida, vivências, sentimentos (...) na ênfase em escutar como cada pessoa vivencia e enfrenta seus conflitos pessoais” (CARVALHO, 2007, p.5). Dessa forma, além das oficinas serem espaços coletivos de trocas, a escuta de si e do outro para além do sofrimento corrobora com a proposta da Psicanálise sobre escuta analítica. E como salientou Laurent (1999), “os analistas não devem se limitar a escutar, também precisam transmitir a particularidade que está em jogo” (p.10).

Pensou-se na escola como esse lugar de vez e voz independente da oferta do Plantão e também surgiu a proposta da gestão compartilhada: a Assembleia de Estudantes foi uma ideia que surgiu durante a primeira Oficina, ideia vetada pela gestão educacional. Como o CAPS não tem governança sobre o espaço escolar, só pudemos questionar a postura da gestão. Nesse desencontro, não pudemos realizar os outros dois momentos da Oficina de Corpos.

Considerações Finais

Foi possível concluir, de forma impactante, a importância de investimento em Saúde Mental dos Trabalhadores da Educação atreladas às questões trabalhistas. Fica a crítica das autoras frente a repressão e cerceamento da gestão escolar frente aos desdobramentos dos desejos dos jovens, como a Assembleia dos Estudantes. Por isso, encontramos muros das escolas riscados. Não se silencia o inconsciente.

A importância de equipes multidisciplinares pertencentes à Educação com psicólogos e serviço social, até mesmo terapeutas ocupacionais, é um convite a se pensar o quanto o espaço da escola se tornou um mundo de possibilidades para todos e como a imagem do corpo permeia as relações.

A Oficina de Corpos como prática expressiva necessária aos jovens com experiência de autolesão foi uma oportunidade de tornar acessível uma outra via para além da queixa, engajada pelo Plantão Psicológico.

Foi realizado apenas um encontro da Oficina, mas novamente fica a constatação de que a disponibilidade de profissionais de saúde faz a diferença aos jovens: profissionais disponíveis a olhá-los e escutá-los, reconhecer seu sofrimento e sua transformação. Na Oficina, os profissionais que escutam e quem sofre fala. Como musicou Quinteto Violado, na mesma música que este artigo faz referência e se fundamenta, “palavra quando acesa, não queima em vão”.

Ainda concluímos a importância da intersecção entre comunidade-serviço-ensino como prática de Educação Permanente à equipe de saúde do SUS (CAPS) e aos graduandos voluntários. Além disso, a oferta de uma clínica ampliada e humanizada à sociedade concretiza-se com esta tríade.

Podemos afirmar que ações como essas enriquecem a escola, redimensiona a *práxis* do serviço CAPS e contribui na formação desses graduandos, não para um mercado de trabalho, mas para realidades que precisam ser cuidadas. As parcerias intersetoriais são expressões de como podemos fortalecer a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) pela prática no território vivo (MERHY, 1997) e a Psicanálise tem muito a contribuir para essa efetivação (LAURENT, 1999).

Referências

BRASIL. **Prevenção ao suicídio**: manual dirigido a profissionais das equipes de saúde mental. Unicamp, 2016.

CAMPS, Christiane. **A hora do beijo**: o teatro espontâneo com adolescentes. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

CARVALHO, Gilson. **Participação da comunidade na saúde**. Passo Fundo: IFIBE, 2007.

DAHER, Ana Claudia; ORTOLAN, Maria Lúcia; SEI, Máira; VICTRIO, Kawane. Plantão psicológico a partir de uma escuta psicanalítica. **Semina**: ciências sociais e humanas. Londrina, vol. 38, n.2, p. 147-158, jul/dez. 2017.

DOLTO, Françoise. **A imagem inconsciente do corpo**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

FILIZOLA, Fernando e CHAGAS, José. Palavra acesa. *In: QUINTETO VIOLADO ... até Amazônia?*. Rio de Janeiro: Philips Record. 1978.

FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileira**. Volume XII (1911-1913). Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, Sigmund. As transformações da puberdade. **Edição Standard brasileira**. Volume VI (1901-1905). Rio de Janeiro: Imago, 1969.

LAURENT, Éric. O analista cidadão. **Revista Curinga**, Belo Horizonte, v.13, p.10. Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas, 1999.

MERHY, Emerson. **Agir em saúde: um desafio para o público**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

MILLER, Jacques-Alain. Saúde mental e ordem pública. **Revista Curinga**, Belo Horizonte, v.13, p.20. Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas, 1999.

OMS – Organização Mundial de Saúde. **Prevenção do Suicídio: manual para professores e educadores**. Genebra, 2019. Disponível em: WHO_MNH_MBD_00.3_por.pdf;jsessionid=DF7ED85F664C2AAEC4AFC48D6F28E5A3 Acessos em: 22 de agosto de 2018 e 13 agosto de 2022.

OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde. **Suicide worldwide in 2019: Global Health Estimates**. Genebra, 2021. Disponível em: Suicídio em todo o mundo em 2019 (who.int) Acessos em: 22 de agosto de 2018 e 13 agosto de 2022.

QUINET, Antonio. **As 4+1 condições de análise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

SOLANO, Stela. 1ª Conferência: Qual o real em questão no momento da adolescência? Qual o real em jogo na puberdade? **Arquivos da Biblioteca**, n. 1, EBP, novembro/97.

SONNTAG, Heinz et al. **Psiquiatria e Subdesenvolvimento**. Caracas: Brasiliense, 1980.

PACHECO, Lilany. O adolescente e as drogas. **Revista Curinga**, Belo Horizonte, v.13, p. 25-30. Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas, 1999.

SZASZ, Thomas. **Ideology and insanity**. New Yoyw: Anchor Books, 1970.

WINNICOTT, Donald. **O Brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Recebido em 16 de Janeiro de 2023.

Aceito em 08 de fevereiro de 2023.